AS: Por terra de Miranda do Douro, sempre se associou aos pastores e aos homens que, sós ou acompanhados de caixa e bombo, animavam as festas e tocavam as músicas que os pauliteiros dançavam. O livro *Histórias da Vida dos Gaiteiros do Planalto Mirandês*, do musicólogo Mário Correia, cita uma passagem de 1609 onde um cónego de então fazia referência aos instrumentos tocados pelas gentes do planalto e que dizia «São gaitas de fole[s] que tocam com gentil arte e destreza.» Nesse tempo, as gaitas não só tocavam nos bailes, mas também nas igrejas e nas procissões. Até um dia em que a própria igreja achou que a gaita teria conotações com o Diabo. [...] Paulo Preto não se lembra, mas foi a 18 de dezembro de 1775 que D. Aleixo Henriques, um dos últimos bispos da diocese de Miranda, promulgou uma carta pastoral que dizia: «Da porta da igreja para dentro, não toque nenhum gaiteiro a gaita.» E assim foi durante anos no planalto mirandês. Apesar da proibição, alguns padres mais próximos dos fiéis continuaram a consentir o instrumento nas atividade religiosas. [...] E com mais ou menos intervenção, a gaita conseguiu trazer até hoje a alma musical mirandesa, ainda que com poucos mensageiros.

PP: Há 30 anos, mais ou menos, quando eu comecei, iniciei estas lides, com instrumentos muito rudes, havia cinco, seis gaiteiros. Uma pergunta que eu fazia «Será que um dia este instrumento vai acabar?», porque não tinha assim uma grande fama como instrumento e os instrumentistas também não ... perderam muito o conceito do que era o velho gaiteiro. O velho gaiteiro era um tipo, há 50, 100 anos, era um homem respeitado, era um músico da terra, era o homem que fazia as festas. E, de repente, não sei porquê, começou a ser o homem »Olha, é um tocador de gaita, um boémio, um homem da farra, dos copos.»

AS: Foi por essa altura que Mário Correia, estudioso das tradições musicais do nordeste transmontano, vindo do Porto se instalou em Sendim. Cedo se apercebeu da importância do gaiteiro.

MC: Ao ser um elemento fundamental dos pauliteiros, ele ensinou muitos jovens, enfim, a dançar. E isso fazia com que ele fosse uma pessoa de grande prestígio. Isso contraria muito aquela ideia que havia de que o gaiteiro que era um bêbedo incorrigível.

AS: E justifica a tal imagem do gaiteiro bêbedo.

MC: Eu gostava de saber quem fazia essas críticas – críticas feitas de fora para dentro. Como é que o pobre de um gaiteiro que faz... A festa começava com um toque de alvorada, [a] anunciar que era dia de festa ao povo, tocando numa parte alta. Como se fosse necessário, não era preciso, mas era para cumprir o ritual. E depois, com os mordomos, ia-se percorrer todas as casas da aldeia. E cada casa oferecia de beber ao gaiteiro, e o gaiteiro e os acompanhantes não podiam dizer que não, porque era uma falta de respeito. Então, qualquer um chegava ao final da festa mais cambaleante que outra coisa. Nós temos histórias hilariantes dos gaiteiros, porque realmente não havia possibilidade de chegar direito ao fim, o gaiteiro acabava por ser emborrachado.

AS: Mário Correia começou, então, a fazer recolhas, registando em disco os gaiteiros ainda vivos e que tocavam.

MC: Todos os que existiam, muitos deles apenas se produzindo esporadicamente numa festa ocal. Isso também foi extraordinário, [po]rque nós conseguimos que os velhos gaiteiros passassem a ser requisitados para outros contextos, para outros territórios. E a tradição é mesmo isso, vai-se adaptando aos tempos. Se, tradicionalmente, o gaiteiro apenas tocava para o grupo de pauliteiros que se fazia para a festa e na festa local, mais modernamente começou a tocar em palcos, a subir a outros espaços e assegurar outros contextos e territórios, com outra funções. [...] E a partir daí começámos a fazer aquilo que era muito importante, que era gravar para termos reportórios, para que a gente nova, que era o objetivo fundamental, era dar continuidade a esta tradição, para que a gente nova pudesse escutar; muito mais do que elaborar partituras ou o que quer que [fosse] podiam ouvir os gaiteiros. [...]

PM: Neste momento, a gaita de fole[s] faz parte da tradição, as crianças gostam e interessam-se, e há muita gente a aprender e é um instrumento que está na moda. Nós, logo em 98, talvez, fizemos um *slogan* aqui para as terras de Miranda, que é «nim mais ua fiesta sin gaitas.»

AS: E desde então as gaitas têm estado, e cada vez mais, nas festas. Uma moda com muitos seguidores, acrescenta Mário Correia.

MC: Depois também há um bocadinho a lógica da carreirinha das formigas, do grupo, não é, da tribo. Vai um tocar a gaita, o outro vai também, até porque é um pretexto para não estar em casa, para circular. Mas tornou-se efetivamente uma moda. Hoje atira-se uma pedra ao ar, corremos o risco de cair na cabeça de um gaiteiro.

AS: Ou gaiteira. A moda também chega a elas. Tudo, diz Paulo Preto, porque a padronização fomentou o ensino como nunca.

PP: Nós sempre utilizámos a gaita mirandesa e desenvolvemo-la. Desenvolvemo-la e hoje chegamos ao estado em que etamos, que é precisamente ter instrumentos todos iguais, afinados, e que podemos fazer escola, porque os miúdos podem tocar todos, todos em conjunto, e eu, como professor, posso tocar com os miúdos, e exemplificar, e tocar com eles.